

PROSA AUTOBIOGRÁFICA

(ensaios, apontamentos, notas dos diários)

De mim, resumidamente

Nasci a 11 (23) de Junho de 1889 nos arredores de Odessa (Bolchói Fontan). O meu pai¹ era, à data, engenheiro-mecânico reformado da Marinha. Com a idade de um ano fui levada para o Norte, para Tsárskoe Seló², onde vivi até aos meus dezasseis anos.

As minhas primeiras recordações estão ligadas a Tsárskoe Seló: a magnificência verde e húmida dos parques, um pasto aonde me levava a minha ama, o hipódromo onde corriam cavalinhos pequenos e malhados, a velha gare e outras coisas que, mais tarde, entraram na «Ode a Tsárskoe Seló».

Passava todos os verões nos arredores de Sevastópol, na Enseada Strelétskaia, e ali fiz a amizade do mar. A minha impressão mais forte desses anos é a da antiga Quersoneso, perto da qual vivemos.

Aprendi a ler pela cartilha de Lev Tolstói. Aos cinco anos, só de assistir às aulas que a preceptora dava aos meus irmãos mais velhos³, aprendi também a falar francês.

Compus a minha primeira poesia quando tinha onze anos. Para mim, a poesia começou, não com Púchkin e Lérmonov⁴, mas com Derjávín⁵ («Ao Nascimento do Infante Real») e Negrásov⁶ («Velho do Gelo, Nariz Vermelho»). A minha mãe⁷ sabia estas obras de cor.

Estudei no liceu feminino de Tsárskoe Seló. A princípio, mal, depois muito melhor, mas sempre sem vontade.

Em 1905 os meus pais separaram-se, e a minha mãe partiu, com os filhos, para o Sul. Vivemos um ano em Evpatória, onde fiz em casa o curso do penúltimo ano do liceu, sofrendo de grande nostalgia de Tsárskoe Seló e escrevinhando um sem-fim de desajeitadas poesias. Os ecos da revolução de 1905⁸ chegavam muito esbatidos até uma Evpatória isolada do mundo. Fiz o último ano em Kíev, no liceu Fundukléevskaia, terminando o curso em 1907.

Entrei para a faculdade de Direito dos Cursos Superiores Femininos, em Kíev. Enquanto se tratava de estudar História do Direito e, sobretudo, latim, estava contente, mas, quando começaram as matérias puramente jurídicas, esfriei.

Em 1910 (a 25 de Abril, de acordo com o calendário antigo) casei-me com Nikolai Gumiliov⁹ e fui com ele a Paris, por um mês.

A construção de novos bulevares através do corpo vivo de Paris (descrita por Zola) não fora ainda concluída (bulevar Raspail). Werner, amigo de Edison, mostrou-me na Taverne du Panthéon duas mesas e disse: «Aqueles são os vossos sociais-democratas, aqui os bolcheviques, acolá os mencheviques.» As mulheres tentavam usar, com êxito variável, ora as calças (*jupes-culottes*), ora quase enfaixavam as pernas (*jupes-entravées*). A poesia fora completamente abandonada e apenas era comprada pelas vinhetas de pintores mais ou menos conhecidos. Já nesse tempo eu percebi que a pintura parisiense devorara a poesia francesa.

Depois de me ter mudado para Petersburgo, estudei nos Cursos Superiores de História e Literatura de Ráev. Nessa altura já escrevia poemas que entraram no meu primeiro livro.

Quando me mostraram as provas tipográficas do *Escrínio de Cipreste* de Innokénti Ánnenski¹⁰ fiquei pasmada e pus-me a lê-lo, esquecendo tudo no mundo.

Em 1910 surgiam, nítidos, os sinais da crise do simbolismo, e os poetas novos já não aderiam àquela corrente. Uns seguiam o futurismo, outros o acmeísmo¹¹. Eu, juntamente com os meus

companheiros da Primeira Oficina de Poetas — Mandelstam, Zenkévitch e Nárbut¹² —, tornei-me acmeísta.

Passei a Primavera de 1911 em Paris, onde fui testemunha dos primeiros triunfos do Bailado Russo. Em 1912 viajei pela Itália do Norte (Génova, Pisa, Florença, Bolonha, Pádua, Veneza). A impressão que me causaram a pintura e a arquitectura italianas foi enorme: aquilo parece um sonho que fica para toda a vida na memória.

Em 1912 saiu do prelo a minha primeira colecção de poesias — *Anoitecer*. A tiragem foi de apenas trezentos exemplares. A crítica mostrou-se benévola.

No dia 1 de Outubro de 1912 nasceu o meu filho único Lev¹³.

Em Março de 1914 foi publicado o meu segundo livro — *Rosário*. Seis semanas de vida lhe concedeu o destino. No princípio de Maio a temporada de Petersburgo começou a esmorecer, toda a gente ia partindo a pouco e pouco. Dessa vez, a despedida de Petersburgo foi para todo o sempre. Regressámos, já não a Petersburgo, mas a Petrogrado¹⁴, do século XIX saltámos para o XX, mudou tudo, a começar pela fisionomia da cidade. Estava escrito que o livrinho de lírica amorosa desta autora novata se tinha de afundar nos acontecimentos mundiais. Os tempos tinham-lhe dado outro destino.

Passava todos os verões na antiga província de Tver, a quinze verstás de Béjetsk¹⁵. É um lugar pouco pitoresco: campos arados em quadrados regulares num espaço de outeiros, moinhos, lameiros, pântanos drenados, cancelas, cereais, cereais... Escrevi lá muitas das poesias do *Rosário* e do *Bando Branco*. O *Bando Branco* foi publicado em Setembro de 1917.

Os leitores e a crítica são injustos para com este livro. Por qualquer razão, considera-se que teve menos êxito do que o *Rosário*. Ora, esta colectânea foi publicado em circunstâncias ainda mais graves. Os transportes estavam quase paralisados — nem sequer para Moscovo era possível mandar o livro, toda a tiragem se esgotou em Petrogrado. As revistas, e também os jornais, fechavam. Por isso, diferentemente do *Rosário*, não teve

repercussões ruidosas na Imprensa. A fome e a ruína agravavam-se a cada dia que passava. Por mais estranho que pareça, ainda hoje não são tidas em conta todas essas circunstâncias.

Depois da Revolução de Outubro, trabalhei na biblioteca do Instituto de Agronomia. Em 1921 foi editada a colectânea das minhas poesias *Tanchagem*; em 1922, o livro *Anno Domini*.

Desde meados dos anos vinte, mais ou menos, comecei a estudar assiduamente e com grande interesse a arquitectura da velha Petersburgo e a vida e obra de Púchkin. Dos meus estudos puchkinianos resultaram três trabalhos — sobre «O Galo Dourado», sobre «O *Adolphe* de Benjamin Constant» e sobre «O Convidado de Pedra». Numa certa altura, todos foram publicados.

Os estudos «Aleksandrina», «Púchkin e o Litoral do Nevá» e «Púchkin em 1828», que ando a elaborar nestes quase últimos vinte anos, farão parte, provavelmente, do livro *Morte de Púchkin*.

A partir de meados dos anos 20, quase deixaram de publicar as minhas poesias novas e de reeditar as antigas.

A Guerra Pátria de 1941 apanhou-me em Leninegrado. Nos fins de Setembro, já no período de bloqueio, parti de avião para Moscovo.

Até Maio de 1944 vivi em Tachkent e escutava avidamente as notícias de Leninegrado, da frente. Como os outros poetas, fazia muitas vezes recitais nos hospitais dizendo poesias aos soldados feridos. Em Tachkent fiquei a saber, pela primeira vez, o que significa, no meio do calor tórrido, a sombra de uma árvore e o som da água. Também conheci a bondade humana: em Tachkent estive prolongada e gravemente doente.

Em Maio de 1944 passei por uma Moscovo primaveril, já cheia das felizes esperanças da vitória iminente. Em Junho voltei a Leninegrado.

Aquilo que fingia ser a minha cidade era tão só um terrível fantasma e espantou-me tanto que descrevi em prosa esse meu encontro com ela. Pela mesma ocasião surgiram os ensaios «Três Lilases» e «De Visita à Morte» — o último é sobre o recital de poesia na frente de combate em Terióki¹⁶. A prosa sempre

me pareceu um mistério e uma sedução. Desde sempre eu soube tudo sobre a poesia — e nunca soube nada da prosa. Toda a gente elogiou muito essa minha primeira experiência, mas eu, claro, não fiquei convencida. Chamei Zóchenko¹⁷. Houve coisas que ele me mandou cortar e, quanto ao resto, disse que estava de acordo. Fiquei contente. Mais tarde, depois de o meu filho ter sido preso, queimei esses trabalhos juntamente com o arquivo.

De há muito que me interesso pelos problemas da tradução artística. Nos anos do após-guerra traduzi muito. Ainda hoje continuo a traduzir.

Em 1962 acabei o «Poema sem Herói», no qual trabalhei durante vinte e dois anos.

No Inverno passado, nas vésperas do aniversário de Dante, voltei a escutar os sons da fala italiana — viajei até Roma e até à Sicília¹⁸. Na Primavera de 1965 fui à pátria de Shakespeare, vi o céu britânico e o Oceano Atlântico, encontrei-me com velhos amigos e conheci novos, tornei a visitar Paris.

Nunca parei de escrever poesia. É nela que está a minha ligação com o tempo, com a nova vida do meu povo. No correr da escrita das minhas poesias eu vivia ao compasso dos ritmos que soavam na história heróica do meu país. Estou feliz por ter vivido esses anos e ter assistido a esses eventos incomparáveis.

1965

Casebre

Nasci no mesmo ano que nasceram Charlie Chaplin, a *Sonata de Kreutzer* de Tolstói, a torre Eiffel e, se não me engano, T. S. Eliot¹⁹. Nesse Verão, Paris festejava o centenário da queda da Bastilha — 1889. Na noite do meu nascimento festejava-se, e continua a festejar-se, a velha noite de S. João — 23 de Junho (*Midsummer Night*). Deram-me o nome de Anna em memória da minha avó Anna Egórovna Motovílova. Sem pensar que alguma